

O QUE É?

A maioria dos adolescentes estabelece relacionamentos de namoro positivos e saudáveis. Contudo, existem situações em que a vontade de controlar e dominar o outro pode dar lugar à violência.

A violência nas relações íntimas não é um fenómeno exclusivo das relações entre adultos. Estudos nacionais e internacionais revelaram que este também é um problema presente nos relacionamentos entre os mais jovens. Um estudo realizado em Portugal com cerca de 4500 jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 29 anos, constatou que 1 em cada 4 jovens relataram já ter sido vítimas de algum tipo de conduta abusiva pelo/a namorado/a.

A violência no namoro integra-se no quadro legal do crime de violência doméstica, no artigo 152º do Código Penal.

As formas de violência utilizadas podem incluir:

Violência verbal insultar, difamar, humilhar, gritar;

Violência psicológica partir ou danificar objetos com a intenção de causar medo;

Violência relacional controlar o que o outro faz nos tempos livres e ao longo do dia; proibir o contacto com familiares e amigos;

Violência física empurrões; pontapés; bofetada;

Violência sexual forçar à prática de relações sexuais ou de carícias forçadas.

Ainda que quando questionados a maioria dos jovens afirme reprovar o recurso à violência, muitos aceitam-na e toleram o uso desta contra si, por parte do/a namorado/a. Existem táticas subtis, formas mascaradas de exercer poder e controle sobre a outra pessoa, que podem ser totalmente imperceptíveis. Por vezes exprimem-se sob a forma de preocupação com o relacionamento e com o bem-estar do/a parceiro/a e podem ser confundidas com manifestações de amor.

Algumas situações de violência sexual no namoro nas quais os jovens se deixam envolver, relacionam-se com a ideia de que o sexo é obrigatório ou que “faz parte” da relação. Por outro lado, quando a violência sexual acontece, a vítima pode não identificá-la como uma experiência de violência (por exemplo, acham “normal” ceder e aceitar ter relações sexuais porque o/a namorado/a insiste muito ou faz ameaças de que acaba a relação se não o fizerem). Normalmente também não são questionados comportamentos como o controlo da forma de vestir, a consulta das mensagens no telemóvel, o pedido de partilha da password do email e das redes sociais e entendem-nas como deveres e/ou obrigações entre o casal.

QUEM SÃO AS VÍTIMAS?

Ao contrário do que acontece nas relações entre adultos, em que a violência é frequentemente exercida pelo homem sobre a mulher, a violência entre jovens é caracterizada pela troca mútua de agressões, ou seja, raparigas e rapazes podem assumir tanto o papel de vítimas como o de agressores. Mas, há diferenças que merecem ser destacadas: a violência física é mais fre-

quentemente utilizada pelos rapazes havendo, por isso, uma maior probabilidade de magoar a vítima ou causar-lhe ferimentos; o impacto psicológico e emocional da experiência de vitimação é superior nas raparigas e estas recorrem a atos abusivos, sobretudo, como reação à violência exercida contra si.

QUAL O IMPACTO?

A experiência de um relacionamento íntimo abusivo pode influenciar negativamente outros domínios da sua vida: a família, as relações de amizade, a escola, o trabalho.

As consequências da violência podem funcionar como sinais ou sintomas de alerta que, se identificados e reconhecidos por amigos ou adultos de confiança, podem ajudar a prevenir condutas violentas, a diminuir o impacto da vitimação e a para a cessar a relação de namoro:

- lesões físicas para as quais não apresenta explicação;
- tristeza;
- medo;
- dificuldades de concentração;
- dificuldades em dormir;
- dificuldades de memória;
- dificuldades em tomar decisões;
- desconfiança face aos outros;
- diminuição da autoconfiança.
- mudança brusca nos comportamentos habituais;

- afastamento em relação aos amigos;
- recusa ou desinteresse por atividades anteriormente apreciadas;
- declínio no rendimento escolar ou redução da produtividade no trabalho;
- fugas da escola e/ou de casa.

QUE APOIO ESTÁ DISPONÍVEL?

Por questões relacionadas com a sua privacidade, busca de autonomia ou falta de conhecimento acerca dos recursos disponíveis ou mesmo, a maioria dos adolescentes não procura ajuda para a violência no namoro. E, quando o fazem, recorrem à ajuda de amigos e familiares, e não de profissionais.

A não procura de ajuda pode estar associada a diferentes fatores: o facto de não reconhecerem o comportamento do/a namorado/a como abusivo ou de o desculparem e entenderem; o receio de serem culpabilizados pela relação abusiva; para não perderem o estatuto entre os pares ou por não quererem ficar sozinhos; a esperança que o comportamento mude; o desconhecimento face aos recursos de apoio disponíveis.

A vergonha é também um aliado frequente desta não procura de ajuda.

As autoridades policiais, as escolas, os centros de saúde e/ou hospitais, estruturas de apoio, nas quais a APAV se inclui, são entidades que podem apoiar e informar as vítimas, seus familiares e amigos.

Em caso de emergência as vítimas deverão de contactar o **112 – número nacional de socorro**.

Para apresentar queixa do crime deve dirigir-se a uma esquadra da Polícia de Segurança Pública (PSP), posto da Guarda Nacional Republicana (GNR)

ou diretamente junto dos Serviços do Ministério Público.

A APAV apoia quem é vítima de violência no namoro.

Poderá contactar a APAV:

- Pela Linha de Apoio à Vítima 116 006 (dias úteis das 09h-19h; chamada gratuita);
- Presencialmente num dos Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV;
- Por email apav.sede@apav.pt.

TESTEMUNHO

Aos 16 anos, a Maria já era vítima de violência. O agressor era o namorado: “sempre houve ciúme. No início soava a amor e até sabia bem, mas depois... tornou-se um filme de terror”.

“Tinha de explicar por que é que estava a falar com esta ou outra pessoa, por que é que tinha ido aqui ou ali, por que se vestia de determinada forma. Tinha que justificar tudo”, lembra, quando já consegue contar a história sem chorar.

“Faltava às aulas, não conseguia estar atenta, estava sempre a olhar para o telemóvel com medo que ele me ligasse. Se ele me mandava mensagem eu tinha que respondia logo...”

Maria foi muitas vezes forçada a ter relações sexuais. “Não era uma violação, mas na verdade eu não o queria fazer. Era uma mistura de sentimentos, de amor e repulsa ao mesmo tempo e, no fim, acabava por ceder”, recorda, lembrando que foi com ele que perdeu a virgindade.

Maria foi-se afastando dos amigos e família, deixou de ter vida social, sentia-se “numa prisão”. Um dia percebeu que não queria continuar, mas ele já conhecia todas as suas rotinas e “tornou-se claustrofóbico”.

Quando finalmente teve coragem para terminar a relação, passou a ser perseguida diariamente pelo ex-namorado, que “fazia escândalos na rua e à porta da escola”.

Os pais da Maria foram contactados pela escola, que a informou da preocupante situação escolar da sua filha e dos conflitos que estavam a ocorrer. A Maria está, neste momento, a ser acompanhada pela psicóloga da escola.

Recursos APAV

APAV Manual crianças e jovens Vítimas de violência:



compreender, intervir e prevenir

apavparajovens.pt

abcjustica.pt

apav.pt/fohainformativa

